Agrupamento de Escolas de Aveiro

Centro Educativo de
Santiago

Escrevinhando

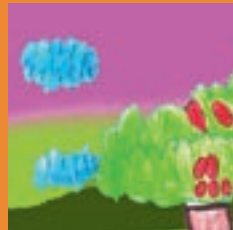
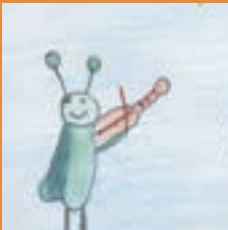
textos e desenhos da Escola de Santiago

Ano Lectivo 2014/15

ÍNDICE

Centro Educativo de Santiago
Agrupamento de Escolas de Aveiro

Ano lectivo 2014/15

Edição com o apoio da Associação de Pais e Encarregados de Educação da EB1 e JI de Santiago

A leitura

No mundo tão repleto de tecnologias em que vivemos, onde todas as informações ou notícias, músicas, jogos, filmes, podem ser vividos por e-mails, cd's e dvd's, etc., o lugar do livro parece ter sido, cada vez mais, esquecido. Há quem pense, quiçá, que o livro é coisa do passado e que hoje pouco sentido fará. Pura divagação.

Quem conhece a importância da literatura na vida de uma pessoa, quem sabe o poder que tem uma história bem contada, quem sabe as emoções que um simples conto pode proporcionar, consegue afirmar que não há tecnologia no mundo que substitua o prazer de tocar as páginas de um livro, de as cheirar e de nelas encontrar um mundo repleto de encantamentos e de atração.

Se o professor acreditar que, para além de informar, instruir ou ensinar, o livro é cultura e que esta pode dar prazer, saberá, estou certo disso, encontrar os meios mais apropriados para transmitir isso aos seus alunos e deles fazer futuros leitores. Tudo passa pela oportunidade de conhecer e apreender a grande magia que um livro, uma história, um conto, nos pode proporcionar.

A literatura infantil, as "histórias" são, reconhecidamente, um amplo campo de ação da atividade letiva e capaz de gerar momentos propícios de satisfação e de incitamento à leitura. Neste sentido, a leitura e a escrita são caminhos que propiciam à criança, ao jovem aluno, emoções, sentimentos e o desenvolvimento da sua imaginação de uma forma encantadora e significativa.

Reconhecer a importância da leitura e da escrita e incentivar a formação do hábito de manuseamento dos livros na idade escolar (momentos únicos em que praticamente todas os rotinas e automatismos se formam), foi o mote da Escola Básica de Santiago, dos seus alunos e seus professores, e do qual resultou este belo "livrinho" com que acabamos de ser brindados.

À Escola, aos docentes e não docentes, aos seus alunos e às suas respetivas famílias, os nossos sinceros parabéns pelo caminho percorrido e nosso bem-haja.

Aveiro, junho de 2015

Carlos Alberto Ventura Magalhães

Diretor do Agrupamento de Escolas de Aveiro

Centro Educativo de Santiago

1º Ano, Turma A

Abecedário das brincadeiras sem juízo

A, é a Ana que salta à corda na cama;
B, é a Beatriz que na banheira finge que é atriz;
C, é a Catarina que se arma em bailarina;
D, é o Dinis que faz construções com macacos do nariz;
E, é a Eva que os brinquedos nunca leva;
F, é o Francisco que fez um risco no petisco;
G, é o Gonçalo que faz piruetas num cavalo;
H, é o Hugo que joga ao berlinde com um texugo;
I, é a Inês que transforma o 8 em 3;
J, é o Jorge, o Joshua e a Joana que se vestem de banana;
L, é a Luísa que faz o pino numa pizza;
M, é a Mariana e a Maria que dançam o tango com uma enguia;
N, é o Nuno que, com papel higiénico, joga o UNO;
O, é a Olga que parte copos no seu dia de folga;
P, é a Paula que salta sobre as mesas da sala de aula;
Q, é o Quintela que em vez de chapéu usa uma panela;
R, é o Raúl, a Raissa e o Ruben que cairam de uma nuvem;
S, é o Sebastião e a Sofia que gozaram com a tia;
T, é o Tomé que fez chichi no bidé;
U, é a Umbelinda que pintou a cara de azul e ficou linda;
V, é o Vicente que lavou o dente com o pente;
X, é o Xavier que toca xilofone com a colher;
Z, é a Zélia que desarruma a gaveta da Amélia.

A partir da leitura de "Abecedário sem Juízo", de Luísa Ducla Soares

Quando eu nasci... Agora...

Não sabia que gostava tanto da minha mãe. (Vicente)

Já sei que gosto tanto dela porque é fofinha e bonita.

Não sabia como era a minha rua. (Raíssa)

Já sei que a minha rua é muito especial porque eu nasci lá.

Não sabia que ia ter uma irmã. (Francisco)

Já sei que tenho mais uma amiga para brincar e ensinar a não riscar na mesa.

Não sabia que podia sentir as coisas. (Maria)

Já sei que posso sentir o meu pai, a minha mãe e a minha irmã quando lhes dou beijinhos e cheiro o seu perfume.

Não sabia o que era uma estrela. (Raul)

Já sei que quando olho para o céu posso vê-las cintilar e fico feliz.

Não sabia que havia tantos sabores para saborear na minha vida. (Joana)

Já sei que quando como chocolate e risoto sinto-me com vontade de dar saltos num trampolim.

Não sabia o que era uma carta. (Gonçalo)

Já sei que posso escrever cartas de amor para a Sofia e outras para o Pai Natal.

Não sabia que o meu coração parou quando estava na barriga da minha mãe. (Sofia)

Já sei que preguei um grande susto aos meus pais.

Não sabia o que era um tubarão. (Ruben Aguiar)

Já sei que não é boa ideia brincar com um tubarão.

Não sabia que tinha um coração que às vezes bate muito depressa. (Beatriz)

Já sei que quando apanho um susto ou me fazem uma surpresa parece que o coração sai pela boca.

Não sabia que os pássaros voam alto. (Cristiano)

Já sei que eles voam tão alto que até furam as nuvens.

Não sabia que as flores são tão bonitas. (Ana Ferreira)

Já sei que o mundo é mais bonito por causa delas.

Não sabia que podia correr tão rápido. (Sebastião)

Já sei como posso sentir-me tão leve e livre quando corro.

Não sabia que era tão bonito ver as flores das amendoeiras quando são arrastadas pelo vento. (Catarina)

Já sei que parecem pássaros bebés a rodopiar à volta das amendoeiras.

Não sabia que os leques faziam um vento tão fresquinho. (Luísa)

Já sei como me posso refrescar nos dias de calor.

Não sabia que havia uma escola tão divertida como a minha. (Jorge)

Já sei porque gosto tanto de vir todos os dias para a escola.

Não sabia onde estava o meu mano. (Ana Duarte)

Já sei que todos os dias ele vai para a escola como eu.

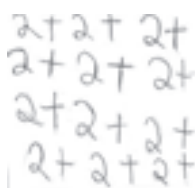
Não sabia o que era uma bola de futebol. (Ruben Maia)

Já sei que quando crescer quero ser futebolista.

Não sabia que tinha muitos amigos para conhecer. (Joshua)

Já sei com quem posso brincar no recreio.

Não sabia fazer coisas de matemática. (Mariana)

Já sei contar de dois em dois.

A partir da leitura de "Quando Eu Nasci", de Isabel Minhós Martins (texto) e Madalena Matoso (ilustrações).

A ideia da borboleta

Numa tarde de verão, Jean de La Fontaine foi à floresta e pediu uma reunião com todos os animais. O veado, como era muito rápido, correu pela floresta toda e juntou os animais na clareira grande.

– Boa tarde, meus caros amigos! O meu nome é Jean de la Fontaine e sou fabulista.

– Fabulista?– perguntaram os animais.

– Ele quis dizer futebolista.– gritou a raposa lá do fundo que tinha a mania que era muito esperta.

– Não, não! Eu quis dizer mesmo fabulista. Eu escrevo fábulas que são histórias em que as personagens são animais. E mais! Animais que falam e que nos ensinam lições e vida.

– Ai sim? Ah!!!– exclamaram os animais.

– Eu queria escrever outra fábula, mas já não sei que animais poderei escolher…

– Eu!– diz a tartaruga.

– A mim! A mim!– grita a cegonha.

– Posso ser eu! Posso ser eu!– grita o rato.

– Calma, meus amigos! Vocês já entraram em fábulas minhas. Agora eu queria animais diferentes.

Começou uma grande algazarra na clareira. Todos discutiam em voz alta, todos queriam dar ideias e ninguém se entendia. A certa altura uma pequenina e delicada borboleta voou por cima das cabeças dos outros animais e com uma voz fininha e meiga disse:

– Eu tive uma ideia!

Então, como que por magia, todos se calaram e olharam para cima.

– Quem falou?– pergunta La Fontaine que já não via muito bem e a borboleta era pequenina.

– Fui eu. Estou aqui em cima.– respondeu a borboleta.

– O que queres dizer, linda borboleta?– perguntou o escritor.

– Como já muitos animais entraram nas tuas histórias, podemos inventar animais novos com um bocadinho de cada um.

– Boa!

– Grande ideia!

Os animais gostaram da ideia da pequena borboleta e juntaram-se em pequenos grupos para criarem outros animais. Decidiram que cada animal inventado seria formado por três animais diferentes, um era a cabeça, outro o tronco e outro, os membros. Surgiram animais muito engraçados e La Fontaine decidiu fazer uma votação para escolherem dois animais para a nova história.

Os mais votados foram o Gatarcho (cabeça de gato, tronco de tartaruga e pernas de mocho) e a Peicopata (cabeça de peixe, tronco de cobra e pernas de pata).

O escritor estava muito satisfeito com as personagens da sua nova história e foi buscar a sua cadeira de escritor, a sua mesa de escritor, uma folha de papel, a sua pena preferida e com a ajuda de todos animais escreveu esta fábula.

Era uma vez um belo Gartarcho que andava a passear na floresta à beira de um ribeiro. A certa altura ficou com sede e teve vontade de beber um pouco daquela água tão limpinha, mas todos sabemos que os gatos têm um pouco de medo da água. A sede era tanta que o Gatarcho arriscou. Aproximou-se da beirinha do ribeiro mas uma das patas de mocho escorregou e o animal caiu à água. Que aflição!! Só o tronco do bicho que era de tartaruga se sentia à vontade dentro de água, a cabeça e as patas atrapalharam-se todas e o Gatarcho estava quase a afogar-se.

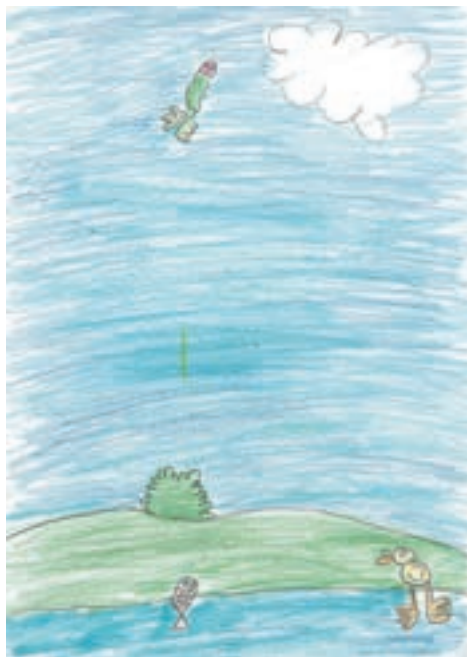
– Socorro! Ajudem-me! Plof! Plof!

A Peicopata que nadava por ali perto ouviu a gritaria e foi ver o que se passava. Viu um animal estranho a afogar-se e decidiu ajudá-lo. Com os seus dentes de peixe conseguiu agarrá-lo e com

as suas patas de pata empurrou-o para fora de água. O Gatarcho ficou muito agradecido.

– Obrigado, minha amiga! Salvaste-me a vida. Se um dia precisares de mim é só chamares.

– Não custou nada. Devemos ser todos amigos e ajudar quem precisa.– respondeu a Peicopata.

Passados uns dias, a Peicopata estava a participar num concurso do salto mais alto com outros animais do ribeiro e, num dos seus saltos mais espetaculares com piruetas e cambalhotas, ela atrapalhou-se e acabou por cair fora de água em cima de um tufo de erva. A sua cabeça de peixe ficou logo desorientada porque, como também já sabemos, os peixes não respiram fora de água.

Por sorte, o Gatarcho estava nesse momento esticado numa rocha a apanhar banhos de sol mesmo junto à margem. O Gatarcho viu o salto da Peicopata e a sua espantosa queda e, numa corrida rápida chegou ao pé da Peicopata.

O Gatarcho olhou para o animal que estava no chão e pensou:

– Hum!!! Que belo petisco para o meu jantar!

Mas quando olhou para o animal com mais atenção viu que era o seu salvador e, então, rapidamente, arrastou-o para a água. Dentro de água, a Peicopata começou a respirar e a nadar. Do meio do ribeiro a Peicopata gritou:

– Obrigada, meu amigo!

– De nada. Tu mesmo disseste que devemos ser todos amigos e ajudar quem precisa.

A partir deste dia, a Peicopata e o Gatarcho ficaram amigos. Eles sabiam que podiam contar sempre com a ajuda um do outro.

FIM

Uma versão abreviada desta história foi submetida ao concurso "Conta-nos uma história!", promovido pelo Ministério da Educação e Ciência (MEC), através da Direção-Geral da Educação (DGE), do Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) e do Plano Nacional de Leitura (PNL) e em parceria com a Microsoft, tendo sido distinguida com o 3º prémio na 2ª categoria (1º e 2º ano) das histórias em formato áudio. http://www.erte.dge.mec.pt/index.php?section=469

Centro Educativo de Santiago

1º Ano, Turma A - EB1 da Glória

O Roubo da Princesa

Há muito, muito tempo, nasceu uma princesa no Reino da Harmonia a quem deram o nome de Bela. O rei, a rainha e todos os habitantes do palácio e arredores festejaram o nascimento da princesa com alegria.

Numa noite escura, fria e de grande temporal, apareceu no castelo, uma bruxa malvada chamada Trovoada. A bruxa vivia numa floresta que ficava muito distante. Lá tudo era feio, negro e sombrio. Não havia nenhuma forma de vida a não ser o seu gato preto Geremias, um bicho desgrenhado e magricela que punha os cabelos em pé a qualquer um.

A bruxa tinha sabido do nascimento da princesa através da sua bola de cristal. Ficou também a saber dos seus poderes. Bela tinha o poder de fazer viver e crescer tudo aquilo em que tocasse. Foi nesse momento que decidiu roubá-la e traze-la para a sua casa pois estava farta de viver num lugar tão horrível.

Se bem pensou, melhor o fez. Aproveitou a escuridão da noite e o temporal para raptar a princesa sem que ninguém a visse. Nem os reis, nem os guardas deram conta do que aconteceu.

Quando acabou o temporal e o sol nasceu, a rainha foi ao quarto da Bela e apercebeu-se que ela tinha desaparecido. Mandou logo chamar o rei e os guardas para os avisar do que tinha acontecido. Logo iniciaram as buscas para encontrar a princesa.

Passaram dezoito anos e a menina sem ser encontrada. O reino da Harmonia nunca mais foi o mesmo, todos viviam tristes com saudades da princesa.

Um dia apareceu no reino um príncipe corajoso e aventureiro que soube o que tinha acontecido. Quis logo ajudar e foi procurar a princesa.

Procurou por todo o lado, até que um dia encontrou um lugar magnífico e cheio de cor. Ouviu uma melodia linda e seguiu a voz até encontrar a princesa.

Resgatou-a no seu cavalo e partiram a galope até ao Reino da Harmonia.

Quando o rei viu a princesa ficou muito muito feliz e ordenou que se casassem.

O principe e a princesa casaram, viveram muito felizes para sempre.

Ah! A bruxa arrependeu-se de ser má e veio viver também para o reino da Harmonia.

Dona Aranha

A fazer a sua teia
Estava a Dona Aranha
Tecendo fios de seda
Escondidinha na lenha.

Atarefada ente os troncos
E ao lado da vizinha,
Trabalhava com vontade
Fazendo a sua casinha.

Cai a noite de devagarinho
Com o seu soninho manso.
Dona Aranha foi gozar
O merecido descanso.

Estações

Pássaros voam
Ramos florescem
Inicia o calor
Muitas cores brilham
Abrem flores
Voltam as andorinhas
Entra em casa o sol
Riem as crianças
Alegres ao sol

Vamos de férias
E faz calor
Regam-se as plantas
A água refresca
O gelado é o melhor

O frio começo a sentir
Uvas colho na vinha
Têm as andorinhas de partir
Olho as folhas a cair
Nos castanheiros há castanhas
O Inverno está quase a vir

Imagens brancas
Neve a cair
Vento a soprar
E chuva a pingar
Recolho-me em casa
No calor da lareira.
O Pai Natal vai chegar

O Mar

Fui ver o mar
Mar salgado e azul
Azul como o céu
Céu que é infinito
Infinito é o amor
Amor dos meus pais
Pais que eu adoro
Adoro como o mar!

Centro Educativo de Santiago

1º Ano, Turma B - EB1 da Glória

O dado

Diante do dado
Deita-se a doninha
Dorme com o dado
Desagradável
Foge o dado
O dado cai de lado
Ao meio do dia
Lá, está o coitado...
O dado, dado, dado...

A menina e os amigos

Era uma vez uma menina que saltava à corda. Certo dia apareceu um passarinho. Ele voou para a montanha e a menina seguiu-o e sorriram um para o outro. Decidiram fazer uma corrida até ao cimo da montanha.

Repararam no sol que estava muito belo. Uma abelha apareceu e picou os dois. O calor do sol curou a picadela.

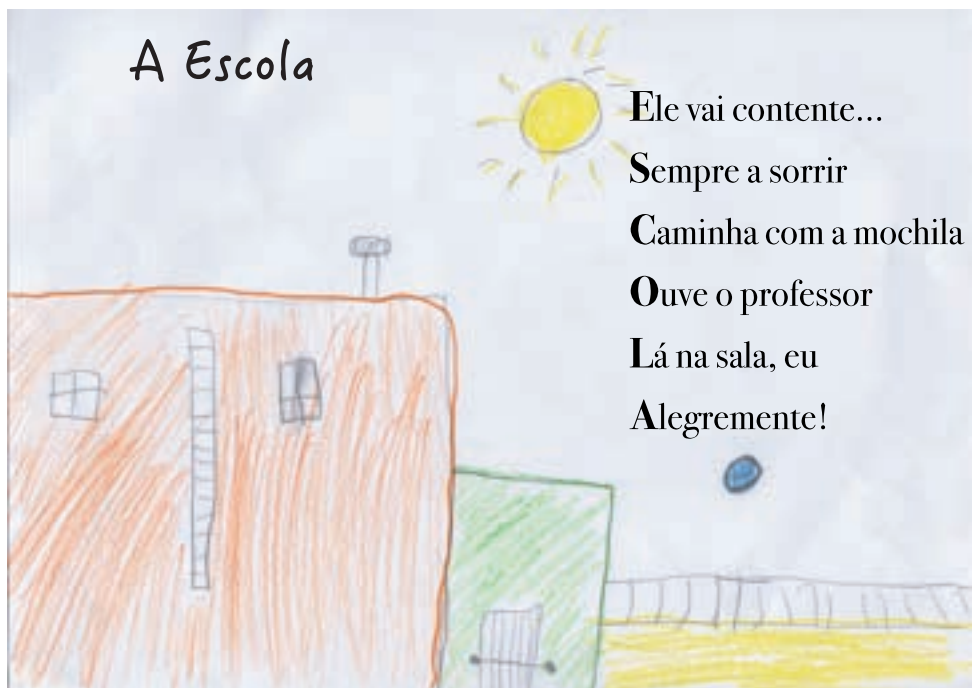
O sol recebeu uma flor como recompensa.

O caracol

O caracol do cabelo

O caracol que tem cor

O caracol que sempre foi amarelo

O caracol amarelo, que fugiu do cabelo.

A Escola

Ele vai contente...

Sempre a sorrir

Caminha com a mochila

Ouve o professor

Lá na sala, eu

Alegremente!

Centro Educativo de Santiago

2º Ano, Turma A

Uma conversa ao telefone

A Branca de Neve estava, em casa, a fazer o jantar quando tocou o telefone: trim…trim…

– Está lá! Quem fala?

– Sou eu, a tua amiga Bruxa Má.

– Amiga? Que eu saiba, nunca gostaste de mim.

– Pois é. Mas eu estou muito arrependida e quero ser tua amiga.

– Cá para mim, estás a enganar-me! Afinal de contas, o que queres?

– Quero convidar-te para vires a minha casa, tomar um chazinho e comer umas bolachas de chocolate. Fui eu que fiz e estão deliciosas!

– Deixa-me pensar. Não sei se posso confiar em ti.

– Juro por tudo que não te quero fazer mal.

– Oh! Eu aceito o convite. Quando é o chá?

– É amanhã às 16 horas!

– Eu estarei aí.

– E eu espero por ti. Ainda bem que vens.

– Então, até amanhã.

– Até amanhã.

A picadela do Romeu

Numa tarde de primavera, o Romeu saiu de sua casa para ir brincar com os seus amigos no campo. Pelo caminho viu uma árvore com um tronco muito grosso e uma copa larga com muitas folhas. Também viu arbustos e uma pedra grande.

De repente, ouviu uma abelha a zumbir à volta da sua colega que pousou no seu nariz! Ela picou o nariz do Romeu e este começou a chorar. Com a dor da picadela, o menino caiu atordoado.

A casa da avó

A casa da avó é amarela e muito bonita. Tem uma porta de madeira castanha com uma pequena janela. Também tem duas janelas e um telhado. A chaminé deita fumo.

A avó está a regar as flores com um regador. Uma borboleta colorida voa à volta das flores.

Do lado direito, está um vaso com uma flor.

Um pássaro voa alegremente sobre o telhado da casa.

A gaivota e a tartaruga

Numa tarde de verão, a gaivota sobrevoava o mar e avistou uma pequena e verdejante ilha. Parecia-lhe uma ilha deserta.

Aproximou-se da ilha e pousou numa rocha à beira do mar.

De repente, ouviu alguém a chorar.

Foi atrás do som e viu uma tartaruga toda encolhida, perto de uma palmeira.

– O que tens tu? Porque estás a chorar?– perguntou a gaivota.

– Estou perdida e não sei o caminho para casa. Podes ajudar-me?

– Claro que sim! Só tens de me indicar o caminho.

– O que fica perto de tua casa?

– Deixa-me pensar! Ah! Já me lembro. Perto da minha casa há um farol azul às riscas brancas.

– Acho que já sei onde é. Vou levar-te no bico, até lá.

A gaivota com o bico segurou a carapaça da tartaruga e começou a voar.

Quando chegou perto do farol pensou na praia.

A família da tartaruga, quando a viu ficou muito feliz. Todos estavam muito preocupados.

Abraçaram a tartaruga e agradeceram à gaivota

A cigarra e a formiga

Numa manhã quente de verão, uma cigarra cantava alegremente, acompanhada pelo som do seu violino.

Nesse preciso momento, surgiu uma formiga carregadinha, com um grão de trigo. A cigarra ao vê-la perguntou-lhe:

– Cara amiga formiga, porque trabalhas tanto?

– Porque no inverno há pouca comida.– respondeu a formiga.

O inverno chegou e a cigarra não tinha de comer e foi pedir ajuda às formigas.

Ao bater à porta apareceu-lhe a mesma formiga que tinha encontrado no verão. Esta deu-lhe de comer mas disse-lhe que no próximo verão, deverá trabalhar, para ter de comer no inverno e só depois é que poderá cantar.

Se eu fosse uma bruxa boa...

...não era como as bruxas que todos conhecem. Eu tinha um chapéu bicudo de cor azul e folhinhos à volta. O meu vestido também era azul, largo com brilhantes de cristal e esvoaçava quando eu voava na minha linda vassoura. Os meus olhos eram azuis, o cabelo era ruivo e era uma adolescente elegante.

Como todas as pessoas boas, eu era simpática, bondosa e gentil. No meu caldeirão fazia poções mágicas que curavam os doentes e alimentavam os pobres.

Querem saber o meu nome? Eu chamo-me Martuxa.

Que rica maçã!

Numa manhã de verão, o David estava a brincar no seu quintal que ficava nas traseiras da sua casa. O quintal tinha muitas macieiras carregadas de deliciosas maçãs vermelhas.

O David olhou para uma macieira e viu uma maçã reluzente. Teve logo vontade de a comer.

Trepou à árvore e enquanto olhava para a maçã dizia:

– Ai que deliciosa maçã! Estou mesmo cheio de fome!

Ele apanhou a maçã e desceu da árvore.

Quando ia comê-la reparou que vivia lá dentro uma lagarta. Ficou tão triste que começou a chorar, porque esforçou-se muito para ter aquela maçã com um aspeto tão delicioso.

Centro Educativo de Santiago

3º Ano, Turma A

O Sol salva a noite mais longa da galáxia

Esta história passa-se numa galáxia muito distante, numa noite escura e brilhante onde estavam três planetas a brincar e a conversar sobre o seu grande amigo Sol. Esses planetas chamavam-se: Terra, Marte e Saturno. A Terra era a mais bonita porque tinha várias cores e dentro dela havia vida. Marte era da cor do fogo, com muitas crateras e era o planeta mais falador e aventureiro. Saturno era amarelo da cor do queijo, e tinha um anel com pedras de gelo. Ele era o mais corajoso.

Nessa mesma noite, Marte viu um objeto que não conhecia e resolveu descobrir o que era. Deixou os amigos para trás e de repente encontrou um meteorito. Então começaram a conversar e o Meteorito Rochoso (que era assim que se chamava) perguntou:

– Queres vir comigo conhecer outras estrelas mais brilhantes do

que as que conheces?

– Claro que sim! – Exclamou Marte. Então lá foram. Quando lá chegaram Marte ficou encantado com aquele sítio e o Meteorito Rochoso aproveitou para raptá-lo. Ele raptou Marte porque queria conquistar toda a galáxia e assim todos os outros planetas que viriam procurar Marte também ficariam presos.

Os amigos de Marte sentiram a falta dele e perguntou Saturno:

– Onde está Marte?

– Não sei.– Respondeu a Terra. Ao longe viram a nave espacial do Alfa e chamaram-no todos em coro:

– Alfa! Ajuda-nos!

Então o Alfa parou junto deles e perguntou:

– O que aconteceu?

– Estávamos todos a brincar quando Marte se afastou de nós e desapareceu. Por favor ajuda-nos a encontrá-lo. – Disse a Terra. E o Alfa respondeu:

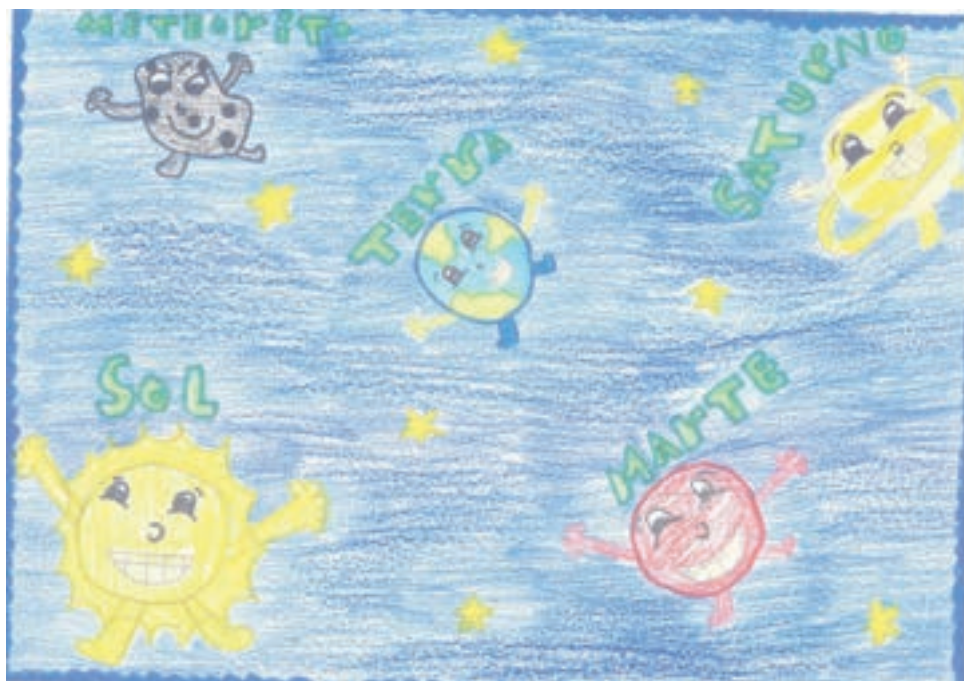
– Podem contar comigo. Vamos procurá-lo.

E lá foram todos à procura de Marte. Procuraram, procuraram até que também foram raptados pelo Meteorito Rochoso, que os levou para outra galáxia onde estava Marte.

O Sol apercebeu-se que faltavam planetas no sistema solar e resolveu procurá-los. Como era muito inteligente descobriu logo onde

estavam. Com os seus raios poderosos derreteu a armadilha onde estavam todos presos e mandou com ajuda do Alfa, uma bola de fogo que partiu o Meteorito em milhões de pedaços.

Depois daquela grande aventura voltaram todos juntos para a sua galáxia. Fizeram uma grande festa para o Sol como agradecimento.

Essa noite ficou conhecida como a noite mais longa da galáxia.

Esta história foi submetida ao concurso "Conta-nos uma história!", promovido pelo Ministério da Educação e Ciência (MEC), através da Direção-Geral da Educação (DGE), do Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) e do Plano Nacional de Leitura (PNL) e em parceria com a Microsoft.

Centro Educativo de Santiago

4º Ano, Turma A

A menina no jardim
(2013/14)

Num dia quente de primavera, uma menina chamada Alice, sentou-se debaixo da sua árvore preferida e começou a ler.

Alice era uma menina de oito anos, que vivia na aldeia. Ela era bonita, inteligente, simpática, alegre e sonhadora. Trazia no cabelo uma fita nova que a avó lhe ofereceu e por isso tinha um sorriso nos lábios. Levava um livro de contos nas mãos.

Como fazia habitualmente depois da escola, dirigiu-se ao seu jardim, sentou-se debaixo da sua árvore preferida, que era um carvalho, e começou a ler. Gostava de estar ali sozinha, porque era um lugar sossegado e tranquilo, onde se envolvia nas histórias que lia, soltando a sua imaginação.

Alice estava a ler um conto de princesas e uma delas tinha o seu nome, o que a encantava.

A princesa Alice não podia sair do seu palácio porque se transformava numa rosa, e por isso, não tinha amigos o que a tornava muito infeliz.

Gostava de olhar pela janela, pelo menos assim podia apreciar o mundo lá fora.

Alice começou a pensar o que sentiria se fosse ela aquela princesa com tanto sofrimento. E sem dar por isso já estava dentro da história!

A princesa Alice estava farta de estar fechada no palácio e, resolveu sair durante a noite para apreciar o mundo lá fora, sem ninguém a ver a transformar-se em rosa. Foi então que descobriu que à noite nada lhe acontecia! Ficou feliz, mas logo entristeceu, pois à noite não se via ninguém, continuaria sem amigos.

De repente, avistou uma menina e correu até junto dela.

– Olá!– disse a menina.

– Olá!– respondeu a princesa.

– Quem és tu?– perguntou.

– Sou a Alice e não sei que lugar é este! E tu quem és?

– Que engraçado, eu sou a princesa Alice e vivo aqui, no Reino Encantado.

– Ah! Eu estava a ler a tua história e de repente dei por mim aqui.

– Como vens de outro Reino, talvez possas ajudar-me?!

– Gostaria muito de te ajudar, mas não sei como? Pelo menos posso ser tua amiga.

– Obrigada. Há um sábio que sabe a solução para este encantamento e vive no outro lado da montanha. Mas eu não posso ir lá, demoraria três dias e eu durante o dia, na rua, transformo-me em rosa e não posso andar.

– Tu não podes mas eu posso!– disse a Alice.

– Mas durante o caminho terás que provar que tens bom coração, só assim o sábio ajudará!– explicou a princesa.

Despediram-se e ao amanhecer, Alice partiu em direção à gruta.

No caminho encontrou um passarinho bebé no chão e colocou-o no seu ninho.

Prosseguiu a sua viagem.

Chegando à montanha viu que era muito rochosa e íngreme.

– Não sei se vou conseguir, mas tenho que fazer isto pela minha amiga.– pensou Alice.

Foi subindo a muito custo.

– Isto pode doer-me bastante, mas não se compara à dor da minha amiga.

Quando chegou ao cume da montanha encontrou um velhinho, que estava com dificuldade em descer. Como tinha bom coração, ajudou-o.

– Obrigado menina por me teres ajudado, és muito bondosa.

– Não tem de quê, apenas cumpri a minha obrigação.

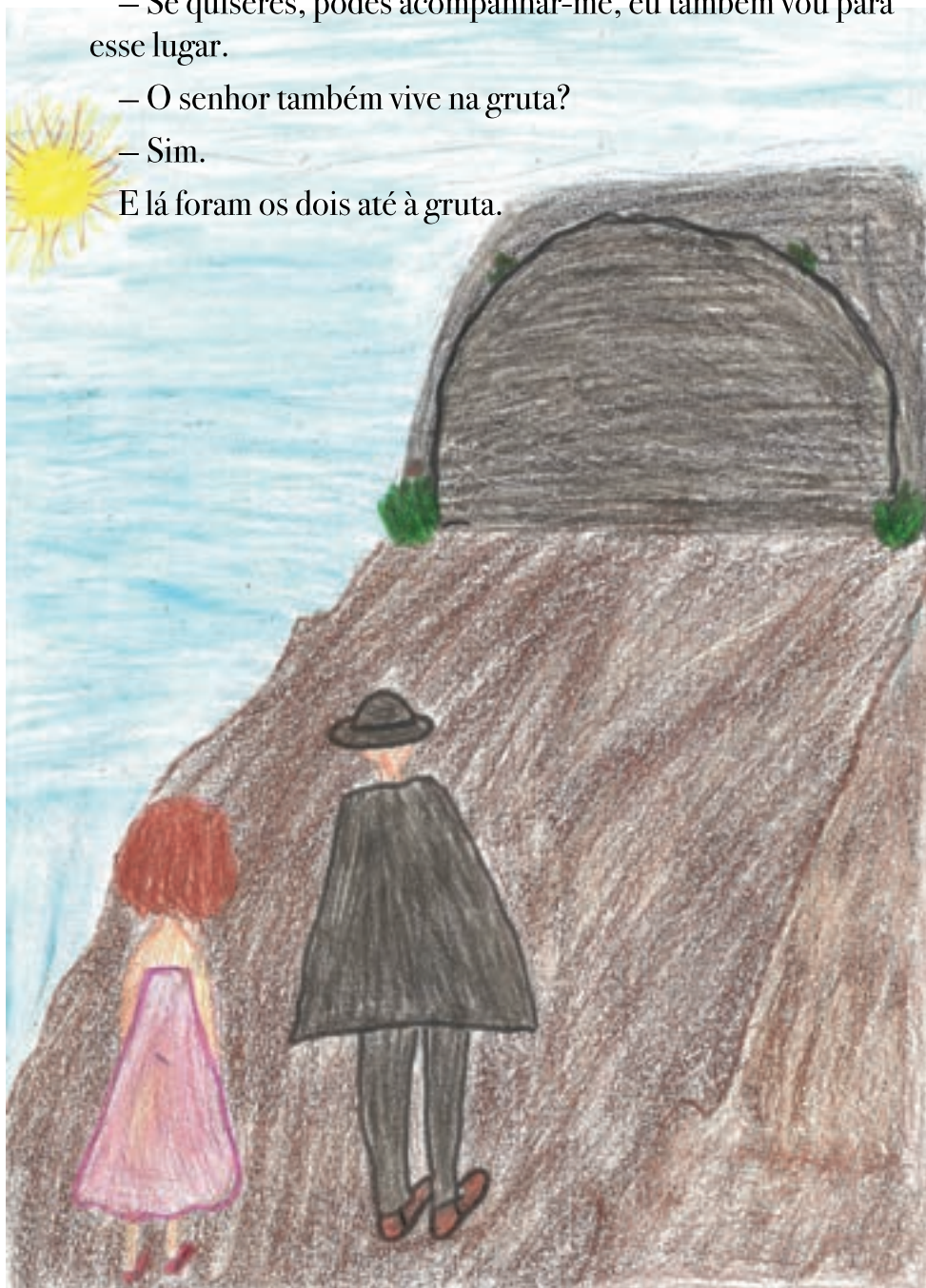
– Como te chamas? O que fazes aqui sozinha?

– Chamo-me Alice e estou aqui à procura da gruta do sábio, para ajudar a minha amiga, a princesa Alice.

– Se quiseres, podes acompanhar-me, eu também vou para esse lugar.

– O senhor também vive na gruta?

– Sim.

E lá foram os dois até à gruta.

Quando chegaram o sábio revelou-se à menina.

– Eu sou o sábio, já vi que tens bom coração mereces que te ajude.

– Muito obrigada. Pode-me dizer como hei de fazer para acabar com o encantamento que entristece a princesa Alice?

– Leva estas pétalas de girassol, se a tua amiga dormir com elas junto ao coração acabará o encantamento.

Quando a Alice voltou ao palácio, a sua amiga ficou muito feliz, pois finalmente iria ser uma princesa normal. Abraçaram-se.

De repente…

– Alice, vem jantar!

– Onde estou afinal! – pensou a Alice.

– Ah! Já acabei de ler a história. Afinal eu nem saí daqui!

E assim, Alice viveu uma história de encantar.

- FIM -

A Princesa Corajosa

Há muito tempo atrás, no Reino de Leão, uma bruxa maléfica e horrorosa subjugou todo o povo, tornando-o escravo do seu poder e magia.

O Reino de Leão era belo e maravilhoso, ouvia-se o canto dos pássaros por todo o lado, as árvores floridas embelezavam a paisagem e perfumavam o ar. Borboletas coloridas e libelinhas esvoaçavam por entre as flores, onde as abelhas bebiam o néctar. Havia lagos com nenúfares a flutuar e belos cisnes nadavam nas suas águas límpidas e cristalinas. Na Praça Central do Reino, junto ao palácio coberto de ouro e pedras preciosas, existia um repuxo de águas cristalinas onde as aves matavam a sede.

Quando a Bruxa das Trevas invadiu o Reino tudo mudou: a natureza murchou e perdeu a sua cor e beleza; os animais e as aves fugiram, e nunca mais se viram por ali nem os cisnes nos lagos, nem as aves a beber nas águas cristalinas do repuxo, que agora eram turvas e fedorentas. O povo aterrorizado mal saía das suas casas com medo dos feitiços maléficos da bruxa, que transformara em pedra o rei e a rainha. Ninguém podia fugir dali pois morreria enfeitiçado no limite das terras do Reino, onde a bruxa pôs um escudo de feitiços.

Um dia, andava eu a passear por aquelas terras, quando ouvi um barulho, fui ver e era uma coroa de princesa que esvoaçava, batendo nas folhas e ramos caídos. Coloquei-a na minha cabeça e, de repente, estava dentro de um palácio sujo e cheio de teias de aranha.

Gritei o mais alto que pude e apareceu o mordomo que me explicou o que se passava. Pensei então criar um plano para expulsar aquela bruxa e libertar o povo oprimido.

Decidi juntar todas as pessoas do povo e soldados que estivessem em condições, e com força para combater. Expliquei-lhes o plano, que consistia em atrair a bruxa até ao escudo de feitiços e empurrá-la para ele. Todos concordaram!

Escrevi um bilhete em nome do Feiticeiro Mor a marcar um encontro urgente, junto ao limite das terras do reino, que o mordomo se encarregou de entregar à bruxa.

A Bruxa das Trevas foi ao encontro do feiticeiro e deparou-se com o povo e a princesa, eu, que a atirámos para o escudo de feitiços e ela desapareceu!

Nesse momento, todos os feitiços foram quebrados. O rei e a rainha voltaram à vida, agradeceram-me e deram uma grande festa para comemorar.

No dia seguinte, devolvi a coroa à rainha e despedi-me de todos. Recebi como recompensa uma bolsa cheia de moedas de ouro e, feliz, continuei o meu passeio!

Aquele Reino voltou a ser como antes graças a mim. Foi uma grande aventura!

- FIM -

O elefante Zacarias

Zacarias é um elefante cego
via o mundo escurecido.
Uma ratinha branca, a Aninhas
queria um elefante como amigo.
Os elefantes de ratos têm medo,
só o Zacarias medo não sentia
porque não a via.

A ratinha branca,
o mundo à sua volta
lhe descrevia,
e tornou a sua vida uma alegria.
Era um mundo colorido e maravilhoso
que deixou o Zacarias curioso.

Começou pelo vermelho,
cor forte como a fúria
e viva como a dor.
Uma cor quente, cor das cerejas e dos tomates
que a amadurecem ao sol.

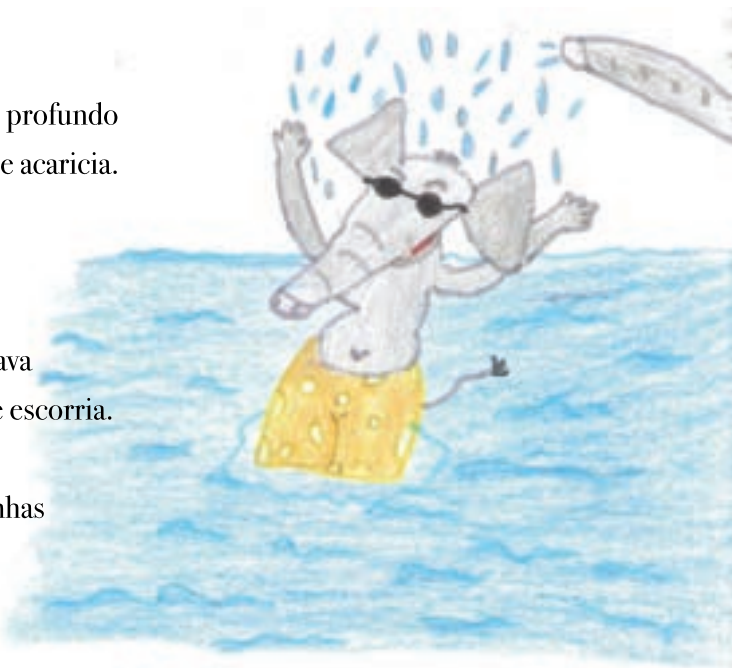
O sol que é amarelo
cor da luz e do calor.
Uma cor doce e ácida,
a cor das bananas e dos limões.

Passou para o azul
cor do céu lá no alto
cor do oceano imenso e profundo
cor doce e fria que a pele acaricia.

O Zacarias lembrou
o prazer que sentia
quando o irmão o molhava
e a água pelas costas lhe escorria.
Estava encantado
com as cores que a Aninhas
lhe tinha mostrado.

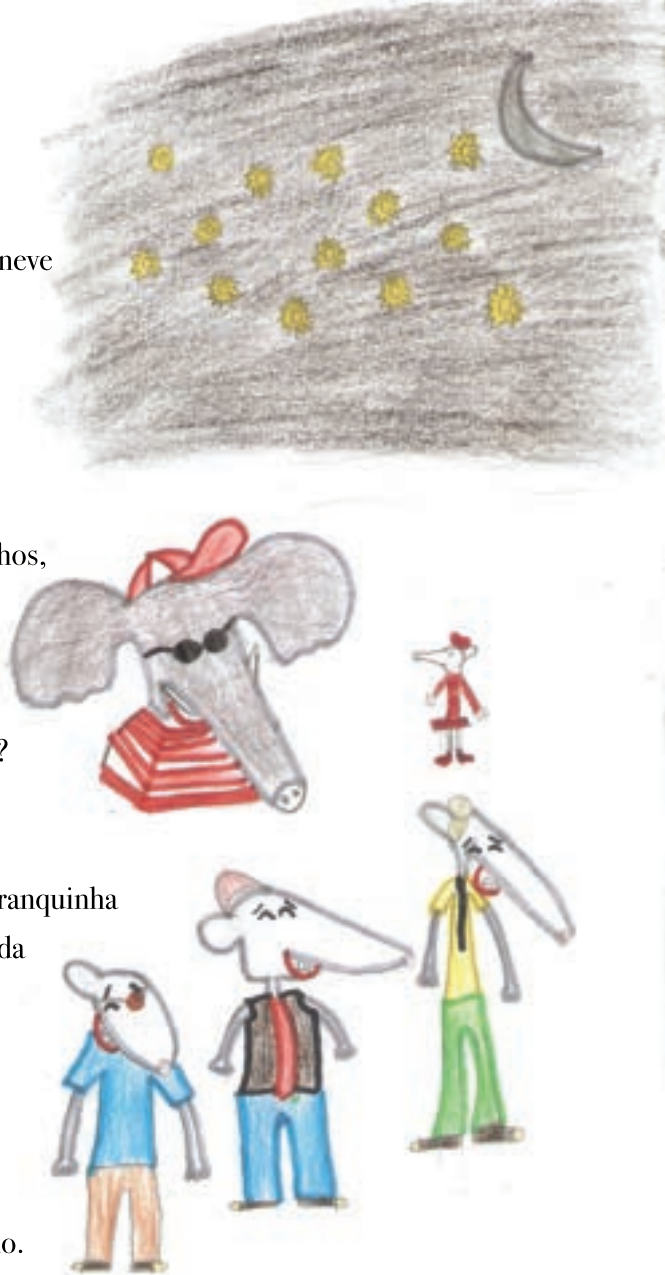
Ela continuou,
dizendo ao Zacarias:
– Ainda não acabou!

Mostrou-lhe a cor verde
cor das árvores na Primavera e
da erva que pisamos,
cheirosa quando é cortada.
Tem a ternura do azul
e é viva como o amarelo,
é uma mistura dos dois.

Cada cor que conhecia,
uma após outra,
o elefante dizia
que era a que preferia.

Até chegar ao branco
macio como o algodão,
silencioso como os flocos de neve
e frio como ela.

Finalmente o preto,
cor escura como a noite
cheia de estrelas e de brilho,
como quando fechamos os olhos,
sonhamos e imaginamos.

Então perguntou a Aninhas:
– Que cor preferes, Zacarias?
– Eu prefiro o branco.
– Porquê o branco?
– Porque tenho uma amiga branquinha
que encheu de cor a minha vida
e é uma simpática ratinha.

Apareceu um grupo de ratos
chamado grupo do bolo
para gozar com o Zacarias
como se fosse um elefante tolo.

A Aninhas montada na sua cabeça
lhe descrevia
tudo o que à sua volta havia.

Graças à Aninhas
o elefante Zacarias
conseguiu enganar
o grupo de ratos rufias,
mostrando-lhes que via.

Pelo que a Aninhas descrevia,
a todas as perguntas deles
o Zacarias respondia
e os ratos surpreendia.
Eles continuaram a gozar
até o Zacarias se chatear.
Quando o viram quase a explodir
o grupo do bolo parou de se rir
e desatou a fugir.

O elefante Zacarias
e a ratinha Aninhas
ficaram-se a rir
dos ratos rufias.

"Projecto Ílidio Pinho"
Poesia criada com base no livro "O Elefante Zacarias", de Rachel Bisseul

A VIAGEM
DA
SEMENTINHA
(História ilustrada pela Francisca Gamelas Carvalho)

Era uma vez uma sementinha que se encontrava abandonada em cima de um muro.

Foi deixada ali por um menino que comeu o fruto onde ela se encontrava.

Passou um passarinho. Viu-a tão linda, brilhante como se fosse um raiozinho de sol, e resolveu levá-la.

Com todo o carinho, segurou-a no bico e

voou...

voou...

voou...

Ampararam-na na sua queda umas folhinhas secas.

O Passarinho ficou muito aflito, procurou, procurou, sem resultado. Triste desistiu. A pobre sementinha ali ficou muitos dias abandonada.

O tempo mudou... veio vento forte que arrastou a sementinha para longe...

... muito longe.

Foi cair sobre a terra seca do quintal de uma casa.

A sementinha ficou muito admirada, onde estaria?

Estava no quintal do Tiago.

O menino chegou e consigo trazia um sacho com o qual começou a revolver a terra. A sementinha viu-se assim enterrada.

Em breve sentiu a humidade causada pela água do regador do Tiago.

Sentiu o seu corpo inchar e passados alguns dias começaram a surgir umas folhinhas.

Já não era uma sementinha abandonada, mas uma planta que crescia. Tiago estava surpreendido com aquela bonita planta.

Com o tempo, a planta tornou-se uma bela árvore. Era uma macieira. Então o Tiago convidou os seus amigos e todos provaram as belas e saborosas maçãs, que a macieira tinha.

FIM

Escrevinhando

textos e desenhos da Escola de Santiago

Reunimos nesta pequena publicação
trabalhos realizados pelos alunos da
EB1 de Santiago
(Agrupamento de Escolas de Aveiro)